



**OLIVEIRA, Fernando Jorge. *Real mente*. Lisboa:
Húmus, 2016. 100 p.**

Cláudia Franco Souza

Universidade de São Paulo/Fapesp, São Paulo, São Paulo / Brasil

claudiasouzzza@hotmail.com

Recebido em 7 de agosto de 2017

Aprovado em 24 de outubro de 2017

A narrativa do livro, *Real mente*, de autoria de Fernando Jorge Oliveira, coloca a palavra no centro das atenções. A escrita é de certa forma revolucionária, porque o tema central não se encontra na história de um personagem, mas na própria narrativa que é estruturada a partir de uma série de jogos com a linguagem, com a palavra, sempre em fuga. Trata-se sobretudo de uma escrita rizomática, criando um campo no qual o leitor pode escolher como quer ler: de forma habitual, ou seja, da primeira até a última página, ou de outra maneira, escolhendo os capítulos, que de certa forma, constituem contos.

O prefácio do livro anuncia uma notícia trágica: “O meu pai morreu, mas não está morto!” (p. 9). A história do livro possui essa personagem: o pai, que como Manel explica nas primeiras páginas, esteve por um longo período no hospital, escrevendo no computador do filho, que só descobre tempos depois. O pai morreu, mas não está morto, porque sobrevive através da escrita, onde permanecem as suas memórias, as suas palavras. Porém, não se trata de uma escrita tradicional, o narrador se altera ao longo do livro, assim como a forma da narrativa. Encontramos

poesia entrelaçada com a prosa e referências musicais que aproximam ainda mais o leitor do livro.

Há temas recorrentes na narrativa: a transformação, o movimento, o devir. A palavra que se transforma em história. O homem que se transforma em pai, a mulher que se transforma em mãe. A diferença entre ser animal e ser bicho. A escrita do livro é leve e paradoxal, porque dentro desta leveza se encontra uma densidade, marcada por frases profundas, como é o caso de: “Não se ama sempre. Nem para sempre. Consegue-se amar por momentos.” (p. 26). Essa frase aponta para a dimensão fragmentada do humano. O sempre não é possível, nem acessível ao humano, que é interrompido pelo tempo, pela ceifeira que limita a vida. O ser humano almeja o ilimitado, o infinito e até mesmo a estabilidade, que seria a tradução do sempre. Porém, o que é oferecido ao ser são momentos, momentos de amor, numa vida em permanente devir, em permanente movimento, em permanente transformação.

A questão do pai que aparece logo na primeira linha da narrativa, retorna em outros momentos. Há uma problemática sobre a questão da paternidade e da maternidade: “Pai, não se nasce. E mãe, também não. Pai acaba-se por ser. Mãe, também se acaba sempre por ser. Desde que ambos não sejam inférteis. Pais, não surgem do nada. Vai-se desabrochando.” (p. 23). Embora a temática deste escrito gire em torno da paternidade e da maternidade, que não se constituem saberes dados, mas saberes conquistados, essa questão transborda para a própria estrutura do ser humano, que à partida se constitui como um campo de possibilidades, algumas desenvolvidas e outras não ao longo da breve existência. A fertilidade, que pode ser entendida como abertura é a condição para o ser humano desenvolver certos e determinados papéis, como é o caso aqui da paternidade e da maternidade. Há neste aspecto também uma consonância com a própria palavra, que a princípio pode não significar nada, mas se colocada num terreno fértil, como é o caso do livro em questão, se transforma em um instrumento de reflexão, de profundidade e de movimento.

A capa do livro já anuncia o jogo de palavras que atravessa todo o livro. No título temos a dúvida do significado do real mente, porque não se trata de uma única e afirmativa palavra – realmente – mas acima de tudo uma dúvida sobre o real, que pode mentir, enganar, trapacear, no bom sentido de todas essas palavras. A escultura do Professor Daniel Gamelas presente na capa do livro, aponta também para a questão da

transformação e da dúvida, trata-se de uma mulher com cara de loba ou de uma loba com corpo de mulher. A dúvida, saliente, abala as certezas do leitor.

No posfácio, o autor do livro, Fernando Jorge Oliveira, aborda a questão da dúvida: “Não que o escritor assim, esteja criando realidade-ficção fantástica, científica, poética, fabulosa, mas simplesmente por provocar sentido inesperado, ilógico. Proporcionará, desde logo no leitor, a dúvida, levando-o a interrogar-se sobre o sentido usual, sobre a encenação vulgar do real”. (p. 92) Ao narrar uma história que poderia se inscrever no real, a narrativa convida o leitor para mergulhar nesta atmosfera de dúvida, onde o possível real e o simples cotidiano mostram algumas de suas fendas profundas, principalmente sobre as basilares estruturas do ser humano.

O *Real mente* revela a frágil condição humana. O ser humano muitas vezes colado aos seus afazeres rotineiros se encontra em permanente transformação, o movimento da vida exige o constante devir, vir a ser. O livro abre a cortina do real e com seu jogo de palavras e significados mostra que o real mente, esconde as fragilidades e o desamparo humano. Por outro lado, a narrativa aponta também para toda a potencialidade do ser, que pode aproveitar o movimento existencial para se transformar, para através da dúvida e da incerteza, estabelecer campos de imanência, formas de existir, onde os laços não são sagrados, mas consagrados pelo ser humano.